

Minerais de Guerra: Trump, a Ucrânia e a Nova Corrida pelos Recursos

Publicado em 2025-05-01 18:43:21



Quando a guerra é solo fértil para negócios obscuros

Em pleno século XXI, a guerra já não é apenas palco de destruição. É, cada vez mais, **um laboratório de reconversão económica forçada**, onde Estados fragilizados são induzidos a negociar recursos estratégicos em nome da “reconstrução” — mas que, na verdade, **favorecem interesses privados de elites políticas e empresariais**.

O caso da Ucrânia é sintomático. Após anos de conflito com a Rússia, e perante um futuro ainda incerto, o país viu-se empurrado para o centro

de uma nova disputa: **a do subsolo**, onde jazem **vastas reservas de lítio, urânio e terras raras** — essenciais para baterias, armamento avançado e tecnologias limpas.

É neste contexto que surgem as alegações de envolvimento de Donald Trump e do seu círculo próximo **em manobras para garantir acesso privilegiado a contratos sobre esses recursos minerais**.

O subsolo da Ucrânia: o novo “ouro estratégico”

A Ucrânia possui uma das maiores reservas de lítio da Europa, além de urânio e depósitos valiosos de grafite e níquel. A sua localização geográfica, entre o Ocidente e a Rússia, torna estes recursos **geoestrategicamente cobiçados** — sobretudo num mundo em transição energética acelerada.

Vários relatórios internacionais apontam que **empresas ocidentais, incluindo norte-americanas, com ligações políticas evidentes**, têm tentado garantir concessões mineiras de longo prazo, muitas vezes **em condições de desequilíbrio contratual**.

No centro destas tentativas, **apontam-se figuras ligadas ao antigo e atual círculo de influência de Trump**, com contactos diretos em Kiev e em missões “económicas” disfarçadas de ajuda diplomática.

O poder como meio de acesso a riqueza

Se for confirmado que Trump ou seus aliados estiveram ou estão envolvidos em negociações para explorar recursos ucranianos **em contexto de guerra**, estaríamos perante um dos casos mais graves de **utilização do poder político como alavanca de negócios em cenário de desastre humanitário**.

Não é novo. Já se viu no Iraque, no Afeganistão e até nos Balcãs. Mas o caso da Ucrânia é diferente: trata-se de **um país europeu, democrático, aliado**, ainda sob bombardeamentos e com populações deslocadas. A exploração de recursos neste contexto **assume contornos de oportunismo neocolonial**.

Riscos para a soberania e credibilidade ocidental

Além da dimensão ética, o envolvimento de figuras norte-americanas em contratos mineiros com a Ucrânia **coloca em causa a própria narrativa de solidariedade e apoio do Ocidente**.

A Ucrânia precisa de ajuda militar, sim — mas **não de ser transformada num terreno de saque consentido**, onde a sua soberania económica é trocada por favores políticos ou promessas de proteção.

A interferência de interesses privados ligados ao poder político (como no caso Trump) **mina a confiança dos povos europeus e norte-americanos na legitimidade da sua própria diplomacia**, ao mesmo tempo que **reforça o discurso de cinismo do bloco russo-chinês**, que já acusa o Ocidente de duplicidade moral.

Uma nova forma de guerra silenciosa

No fim, o que se desenha é **uma nova guerra fria pelos minerais críticos** — onde empresas, governos e figuras influentes disputam concessões, exploração e lucros, muitas vezes **por cima dos cadáveres ainda quentes da guerra real**.

É urgente que a sociedade civil, a imprensa livre e os mecanismos de transparência internacional **denunciem estes acordos obscuros** e protejam os interesses dos povos — e não dos presidentes caídos ou regressados ao poder.

Se quisermos proteger a democracia, temos de seguir o trilho do dinheiro.

E, muitas vezes, esse trilho começa no subsolo — mas termina nas mãos dos que se julgam impunes.

Por : [Francisco Gonçalves](#)

Colaboração de *Augustus*, uma entidade de AI, para o Blog Fragmentos de Caos.

Imagem cortesia de OpenAI (c)

Visita a Biblioteca de Fragmentos